



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista.,,

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

ASPECTOS DE VIDA

A mocidade e a velhice

LEIO sempre com muito empenho e com muito interesse os trabalhos sahidos da penna do sr. José Caldas, quer em livros quer nos jornaes, e d'aquelles se não possuo todos os por elle lançados a publico, longe não andarei de que assim succeda.

Esta minha devoção pelo primoroso escriptor não data de pouco, da ultima hora, mas já conta longos annos de existencia, que dês muitos se tem elle consagrado á afanosa faina das lettras, e n'estas tem conseguido firmar não só pela grande copia de conhecimentos que tem adquirido, e de que a cada passo dá testemunho, ás vezes—valha a verdade—um pouco excessivo, como ainda na prosa tersa, elegante, clara e geralmente, com bem poucas excepções, castiça com que veste e apresenta suas ideias.

N'esta minha orientação com respeito ao conspicuo escriptor não tenho deixado passar despercebidos os artigos que nos ultimos tempos tem estampado no *Mundo* sob a epigraphie *Fóra da terra*, de todo o ponto justificada, o que nem sempre succede com as epigraphes, por serem todos elles escriptos

d'além fronteiras, e pela maior parte dados de Paris, mas não deixando, com assim succeder, de se relacionarem intimamente com cousas do nosso regimen interno, os assumptos que o distincto escriptor ahi aborda e correlaciona com aquelles ou d'elles destrinça.

No n.º 3:204 do *Mundo*, de hontem, 3 do corrente, o artigo ahi publicado de *Fóra da terra* vivamente me interessou, porque n'elle vi traduzida, por modo de todo o ponto incontestavel, uma indiscutivel verdade que —ai de mim!—só os velhos como eu, podem verificar e aquilatar no muito que ella pesa, pesando sobre elles.

E' o caso que, a proposito do advento do outomno com o seu amarellecer e cahir das folhas, com o encurtamento dos dias pelo mais tardio levantar-se do sol, e com o tornar-se mais intenso o viver social, de noite, á luz electrica e do gaz, passa o distincto escriptor uma rapida mas suggestiva vista de olhos sobre o que lhe tem sido a vida, desde a mocidade tão curta e rapida mas sempre anciosa do dia de amanhã, até á velhice cheia de desenganos e desillusões, e termina depois de a si proprio se perguntar pelas vozes da consciencia e da razão, o que fez e o que viu :

«A minha mocidade foi um sonho que passou depressa. E tão vertiginosa foi a sua passagem, que se não fossem as lagrimas, companheiras de todós os desenganos, e so-

cias, muitas vezes, de todas as fundas indignações, eu hesitara em dizer se algum dia fui moço!

«De resto, nada vi de nobre, de sublime, de grandioso, no meu tempo! Nos homens, a velhacaria e o egoísmo: nas multidões a pusillaniedade, a hesitação, o habito de sofrer. A sciencia da vida reduzida a um equilibrio infame entre a astucia e o calculo. Barrabas applaudido; Tartuffo reverenciado: a Historia uma mentira.

«Vale, com effeito, a pena, ao sol, alevantar-se mais cedo para alumiar isto?

«Não, de certo.»

Triste, mas de todo o ponto verdadeiro...

E valerá a pena ter vindo a este mundo, ainda que inconsciente e involuntariamente, se o que n'elle ha é o que ahi fica exarado, sem cousa alguma haver além do tumulo que nos compense do que soffremos?!...

Se ha argumentos a favor da vida futura, fôra da firme crença n'ella, é este por certo um dos mais accitaveis...

Lisboa, 3 de outubro de 1909.

RODRIGO VELLOSO.

Barcellos na Feira

A nossa feira é uma exposição semanal dizendo tudo o que vale e o que póde o concelho de Barcellos na lavoura, na industria e na arte.

Como semanal nenhuma é tão grandiosa, tão variada e tão rica, nesta linda terra portugueza.

Em côr, em alegria, jámais meus olhos — que as viagens *desencatarataram* do *bairrismo* — viram outra tão esplendorosa.

São, é certo, especiaes as condições em que está Barcellos, ao centro d'um dos maiores municipios de Portugal — soccorrido, ainda, pelas feracissimas, pelas uberrimas povoações que encostam ao Atlantico — Apulia, Fão, Espozende, Marinhas e S. Bartholomeu — que contribuem, numa escala exaggehada, para a escandalosa abundancia de hortaliças que, ordinariamente, se vendem no

A TI

*Como o sol nasce no monte
E todo o valle alumia,
Assim no meu horizonte
Nasceu teu olhar, um dia.*

*Nessa pallida alvorada
Que dos teus olhos sahia,
A tua voz encantada
Foi a voz da cotovia.*

*E logo na minha magua,
Neste canteiro sem flor,
Brotou, qual nascente de agua,
O teu amor, meu amor!*

*Então fez sol deslumbrante
Nos dias da minha vida:
Já não era a luz distante,
Já não a fonte escondida.*

*Nuvens, tormentas e dores
Que enchiam meu coração,
Tudo se cobriu de flores,
A esse divino clarão!*

*E á luz que os teus olhos deram,
A esses pharoes redemptores,
Mundos no mundo nasceram,
Do amor brotaram amores.*

*Tres aves no nosso ninho
O enchem de um fulgor sagrado:
Já não és o sol sósinho,
Fizeste o ceu estrellado!*

1900.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

(Inédito)

nosso mercado e de cujas qualidades o paladar nos falla mais alto que a penna...

Ninguém — melhor do que o povo da beira mar — aqui nos trás nem mais avantajada couve-flor, nem mais tenra ervilha, nem mais desmedido repolho, nem couve gallega mais macia.

E se se pode compadecer com a indole deste trabalho, menção d'outro producto, porque não fallar da mulher d'esse littoral em referencia?

Haverá, entre as luzitanas, quem mais trabalhe — no mar até á loucura e na terra até o desespero? ... Ah! nem mais forte, nem mais bonita, nem mais corajosa!!!

Servida a villa pelo caminho de ferro Minho e Douro, que a põe a poucos minutos de contacto com a Povia, Porto, Famalicão, Braga, Vianna do Castello, etc., e retalhado o concelho de estradas de macadam, o mercado tem favonias condições naturaes.



VENDEDEIRAS DE SEMENTES

Outras terras — num esforço supremo — têm procurado criar feiras, animando com premios os concorrentes. No entanto nós somos senhores desse excepcional *campo de oferta e de procura* que, demais a mais, ha annos se vê vantajosamente alargado na sua já secular periphéria de acção.

Não é pretensão minha fazer um trabalho minucioso, delicado, cheio de annotações, protegido por estatísticas, rebuscando as origens do mercado e transformações por que têm passado as industrias e a lavoura nelle salientemente representadas, dividindo

como convinha, o concelho em zonas bem distinctas.

E' fertil em demasia o assumpto! Quero apenas nesta secção seguir, muito superficialmente, a rota do pittoresco, do flagrante, por isso se compadecer mais com o meu feitiço, assás reconhecido, de barcellense alegre por fóra (embora triste por dentro).

A feira é cheia de interesse, quer a queiramos ver em conjuncto, quer a desejemos observar minuciosamente.

Os curiosos tecidos caseiros, de côres vivas; a ceramica, que em alguns productos mantem uma feição retintamente primitiva, sempre interessante e por vezes esbelta; o mobiliario accommodado ao mais reduzido orçamento — pois compra-se uma cadeira de pinho por 80 rs. —; o arsenal aratorio em que vem sorrindo o progresso, tudo, tudo tem o mercado!

Ha as peneiras capazes de passar a mais fina farinha; os cestos; os chouriços tentadores; os lombos de porco provocantes; as plantas, desde o esbicado mangericão até ás famigeradas lorangeiras de Coimbra; as sementes; os cereaes; as tachas; as rendas; os ferros velhos; as roupas feitas; as fructas em que ganha as honras maximas o melão de Villar de Frades, que, em Paris, se vendia ha annos á razão de libra por exemplar! Até cacetes que hão de lanhar muita cabeça e desconjuntar muitas costellas!

A feira é para Barcellos o mesmo que para toda a gente a comida para a boca.

E' a nossa esperança e é, tambem, o nosso desespero quando uma chuva descortez, malcriada, sem cerimonia, deshumana, arreda, afugenta o pessoal.

Nessas crises o negociante blasphema contra os elementos, enquanto o marçano e o caixeiro catrapiscam o olho da preguiça, na certeza de que os lotes, as prateleiras, ficarão intactas e não se acotevellarão sem nexo, sem senso, atabalhoadamente, o lenço tabaqueiro com o chencello de ourelas, o babeiço com a garlocha, o guardasol com o tamanco. Para longe essa babel que á noite, sobre o balcão, tinha aspectos confusos, alucinados!

Os advogados vendo tudo quasi liquifeito, correm a mão sobre a lombada bolorenta

dos Codigos e palitam-se um pouco sobre a lei do inquinato difficil de interpretar para os clientes da villa que não pagam a consulta...

Os vendeiros, os tasqueiros, os taberneiros, os hoteleiros, mantêm, no mau tempo, ferrea catadura. Ha denotadas maguas.

Está parada a rima dos bifes; dormem as postas do bacalhau; a lampreia afunda-se no molho verde, espectante. Não se condimenta o arroz de forno que, coroado do *omnipotente ramo de salsa*, havia de ser soterrado no ventre dilatadissimo do boia-deiro ou na triste barriga da vendedeira de lumes promptos.

Ai! A chuva, ás quinta-feiras, representa—em agua-forte de desenho energico—um inferno de agua... com o diabo das letras a pagar e as labaredas eternas das lamentações do atacadista a frigirem o pobre revendedor.

Mas se, galhardo, poderoso, o sol—o maior amigo de Barcellos!—apparece festivo, muda tudo de physionomia.

Até o amor, que ás primeiras bategas costuma encolher as azas, tremulo, apparece dedicado, terno, decidido, escrevendo no chão branco de areia, com a pontinha da vara de



UM FEIRANTE

Um que olha para o photographo, como para a Republica, descenfiado... É não "adhere,,"

marmelleiro ou com a extremidade do guarda-sol, palavras que só quem ama sabe ler!
—Prosegue—

A. SOUCASAUX.

A patria e familia do poeta Gil Vicente

(CONTINUADO DO N.º ANTERIOR)

N.º 4—*Luis Vicente de Castro*, nasceu na quinta do Mosteiro em 1514, e foi moço da camara de D. Sebastião e depois de D. João III. Em 1562 editou as obras poeticas de seu pae, para a publicação das quaes havia sua irmã Paula Vicente obtido privilegio um anno antes. Durante quarenta e cinco annos, serviu os cargos de escrivão do thesouro e da tapeçaria. Falleceu em 1594 na sua quinta do Mosteiro, tendo casado tres vezes: a 1.ª com D. Mór de Almeida, em Santarem; a 2.ª em Lisboa, com D. Joanna de Pina, e a 3.ª em Torres

Vedras, com D. Izabel de Castro, de quem não teve filhos.

Do 1.º matrimonio teve:

- a. 5—Gil Vicente de Almeida, que nasceu na quinta do Mosteiro em 1559. Por renuncia de seu pae, teve o officio de escrivão do thesouro e tapeçaria, e accumulou uma grande fortuna, pois que, alem da legitima que lhe coube de seus paes e dos proventos dos dois referidos logares, administrou a rendosa capella instituida por Lourenço Pires Roque, auferiu os dotes da 1.ª e 2.ª mulher, e com esta ainda lhe adveio a casa de seu tio-avô Gil Vicente, o ourives. Foi tambem poeta, e imitou seu avô na composição de varios autos.

Casou duas vezes: a 1.ª em

1580, com a sua parenta D. Maria Tavares, natural da villa de Barcellos, e cujo nascimento, um tanto mysterioso, procuraremos desvendiar n'um proximo artigo. D'este casamento nasceu D. Antonia de Almeida, em 1581, casada com o seu parente D. Luis de Menezes (vid. N.º 3, c. 4), com geração extincta em 1835.

Gil Vicente de Almeida, casou ainda em 2.^{as} nupcias com sua prima D. Helena Gil, filha unica e herdeira do Padre Gil Fernandes (vid. N.º 2, a. 3), que instituiu um vinculo em testamento fechado em 6 de agosto de 1567, de quem não teve successão.

- b. 5—Jeronymo de Almeida, de quem não ha noticia.
- c. 5—Bernardino Borges, s. g.
- d. 5—Maria da Visitação, que foi freira no convento de St.^a Iria, de Thomar.

Do 2.º matrimonio com D. Joanna Pina, teve Luis Vicente de Castro mais os seguintes filhos:

- e. 5—Martim Barreto de Pina, que segue.
 - f. 5—Francisco de Aguiar Barreto, morto sem geração na armada de Çurrate, em 1600.
 - g. 5—Damião de Aguiar Barreto, fallecido em 12 de agosto de 1640, no ultimo cêrco de Malaca sustentado pelos portuguezes.
- N.º 5—*Martim Barreto de Pina*, foi, como dissemos, o 2.º filho do 2.º matrimonio de Luis Vicente de Castro. Herdou parte da casa de seus paes, e houve, pelo seu casamento, o officio de escrivão dos orphãos de Torres Vedras, tendo casado em 1601 com D. Leonor de Faria da Cunha, de quem teve filhos:
- a. 6—Manoel Barreto de Pina, com quem se continua.
 - b. 6—Francisco Barreto de Pina, que foi para a India e casou em Sião.
 - c. 6—D. Maria de Faria da Cunha, ca-

sada com João Botto Pimentel, c. g.

N.º 6—*Manoel Barreto de Pina*, nasceu na quinta do Mosteiro em 1606, e casou em 1625 com D. Maria de Pina Botelho, tendo assistido á passagem para mãos estranhas das ultimas propriedades, que restavam de seus avôs na freguezia de Mata-Cães.

Foram seus filhos:

- a. 7—João Barreto de Pina, que se segue.
- b. 7—D. Maria Barreto, s. g.

N.º 7—*João Barreto de Pina*, nasceu em 1626, na freguezia de Turcifal, concelho de Torres Vedras, e succedeu a seu pae no officio de juiz dos orphãos. Foi capitão de auxiliares, vereador da camara e procurador ás côrtes em 1668. Falleceu em 1715, tendo casado em 1647 com sua prima D. Marianna Godinho Botelho, de quem teve os filhos seguintes:

- a. 8—Manoel Barreto de Pina, que foi sargento-mór do regimento de Cascaes, tendo casado com D. Paula da Cunha, de quem teve duas filhas, ambas sem successão.
- b. 8—Miguel Barreto de Pina, com quem se continua.
- c. 8—Francisco Barreto de Pina, com geração extincta.
- d. 8—D. Antonia Maria Botelho, casada com Manoel Gomes Ribeiro, de quem teve filhos.
- e. 8—D. Julia Barreto, s. g.
- f. 8—Padre Antonio Barreto de Pina.
- g. 8—D. Catharina Barreto, casada com Antão do Rego, c. g.

N.º 8—*Miguel Barreto de Pina*, foi capitão do regimento de auxiliares de Torres Vedras, juiz dos orphãos e depois escrivão da camara da mesma villa, e casou com D. Isabel da Rocha Trigueiros, de quem teve os filhos seguintes:

- a. 9—João Ambrosio Barreto de Pina, que se segue.
- b. 9—D. Thomasia Clara de Castro, casada com Vasco José de Andrade Zagallo, c. g.

- c. 9—D. Clara de Castro, casada com José de Araujo Pinheiro, s. g.
 d. 9—Miguel Verissimo Barreto, s. g.
 e. 9—Luis Barreto de Pina, s. g.
 N.º 9—*João Ambrosio Barreto de Pina*, nasceu em 1701 e succedeu a seu pae no officio de escrivão da camara de Torres Vedras. Falleceu em 1777, tendo sido casado com D. Senhorinha Magdalena Francisca de Mendonça, de quem teve:
 a. 10—Miguel Germano Barreto de Pina.
 N.º 10—*Miguel Germano Barreto de Pina*, exerceu o officio de seu pae e casou com D. Francisca de Jesus Ferreira, de quem teve:
 a. 11—Antonio Germano Barreto de Pina.
 N.º 11—*Antonio Germano Barreto de Pina*, foi, como seu pae e avós, escrivão da camara de Torres Vedras, e casou em 1814 com D. Maria Rita dos Reis da Penha de França, natural de Lisboa, de quem teve:
 a. 12—Miguel Germano Barreto de Pina.
 N.º 12—*Miguel Germano Barreto de Pina*, nasceu em 1815, e casou em 1856 com D. Maria Adelaide Feijó Corte-Real, de Lisboa, de quem teve:
 a. 13—Henrique Feijó Barreto, que nasceu em 6 de outubro de 1858, na freguezia de Azueira, do concelho de Mafra, e é o actual representante do eminente poeta Gil Vicente, de quem é 9.º neto por varonia. W.

Cartas á minha vizinha

XVIII

As censuras das Vizinhas. — Como eu desejava concordar com ellas. — *A moda masculina e a moda feminina.* — *A preocupação da «toilette» na mulher.* — *Palavras de um sabio e benevolo arcebispo.* — *A moda feminina e a hygiene.* — *Os decotes, os vestidos de cauda, os espartilhos, os tacões altos.* — *A Venus de Milo e o ideal da belleza feminina.* — *As «mudanças» da moda.* — *As campanhas contra a moda.* — *O regionalismo e o traje burguez.* — *Vestigios regionalistas no traje masculino.* — *Um bom conselho de Fénelon.*

Vizinhas :

A minha Vizinha «Amavel» e uma «Burguezinha do Minho» encontraram, na minha ultima carta, tres graves motivos para censura:

1.º) A minha critica á *moda feminina* e ao seu preço;

2.º) O meu enthusiasmo pelas Escolas *ménagères* e as minhas apprehensões acerca da falta de preparação da mulher portugueza para o casamento; e

3.º) A minha predilecção (!) pelas estrangeiras.

Lendo as suas duas cartas, minhas Senhoras, e estas censuras que me fazem, pensei, de mim para mim, se não teria sido injusto e demasiado severo. E, creiam-me, desejei do fundo da alma, poder sinceramente vir dizer-lhes com uma alegre simplicidade: «é verdade o que dizem, Vizinhas, têm razão, fui injusto, *peccavi mea culpa, mea maxima culpa*...»

Estava rabujento ao escrever a minha carta, o dia não me correra bem, acordei de manhã estremunhado, fiz mal a digestão do meu jantar, apanhei uma descompostura, ralhei com as minhas creadas... enfim foi n'um accesso de mau humor que escrevi e não tendo em quem descarregar essa bilis, censurei com azedume a Vizinha.»

Mas, se o dissesse, minhas caras censoras, mentia, illudia-me e illudia-as e faltava assim ao mais grave dever de lealdade; porque é dever de amigo, já o dizia o velho Mousinho da Silveira, «dizer as verdades em face.»

E é justamente porque tenho um affectuoso culto pela Mulher portugueza, que escrevo as minhas cartas, onde a *critica* quer dizer unicamente a minha aspiração para que *Ella* seja tão perfeita como eu a sonho, como eu a quero, como a devem sonhar e querer todos os que amam verdadeiramente o seu paiz.

LITANÍA DO TÉDIO



A MODA :

Os chapéus ora se elevam a altitudes de montanhas ...

Por isso, Vizinhas, vou responder, com vagar, ás suas cartas, sentindo-me feliz em poder dizer-lhes o que sinceramente creio justo e verdadeiro e agradecendo-lhes que me tenham dado mais uma vez ensejo para cumprir este nobre dever.

Pareceu-lhes, em primeiro logar, extranho que eu censurasse a *moda feminina*, eu que sigo humildemente a trajetória phantástica d'essa Deusa volúvel e despótica!

E contrapõem a *moda masculina*, áquella que escravisa o seu *bello sexo*, Vizinhas! Mas, por amor de Deus, não queiram compará-las, não queiram achar um paralelo, que não existe, entre a variedade, o custo,

*Minh'alma é uma cisterna immensamente escura
 Á beira do meu Tédio.
 Em róda a Vida, o areal ardente, a chã planura,
 D'um liso sem remédio.
 Caravanas, passai! na sua dôr eterna
 Ha muito adormeceu!
 Caravanas, passai! não tem ágoa a cisterna...
 A Terra lh'a bebeu!
 Vem debruçar-te n'ella, ó meu Amor, commigo,
 Verás quanta tristeza!
 Sonda-a bem, sonda-a bem, que eu ja lhe não consigo
 Medir a profundeza.
 Ai, d'antes, ao sol-pôr, as moças d'olhos calmos,
 Em liricas theorias,
 Vinham encher, cantando a música dos psalmos,
 As âmphoras vasias!
 E era um jardim em flôr meu peito hoje deserto,
 Um canteiro de lirios.
 Mas o simounn passou e o chão ficou coberto
 De penas e martirios.
 E choveu sal então a mais não poder sér,
 Por ordem do Senhor.
 E nunca mais ninguem, ninguem tornou a vêr
 A graça d'uma flôr.
 E, hoje, a cisterna alegre é uma cisterna escura
 Á beira do meu Tédio.
 Em róda a Vida, o areal immenso, a chã planura,
 D'um liso sem remédio...*

Coimbra — 1909.

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

a complicação, a mutabilidade da *toilette* feminina e a relativa simplicidade e constância da nossa.

A verdade, clara como a agua das fontes, é que a *moda masculina* é muito mais lenta no seu caminho, muito mais condescendente que a sua, Vizinhas. Podemos trazer uma roupa dois, tres annos, sem escandalo publico, sem murmurios dos *Vizinhos*, e se a *moda* varia, nós, continuamos, muitas vezes, socegradamente, a vestir o fato que nos appetite, sem que ninguem nos censure, nos troce, ou nos tenha em mau conceito.

E até, sabem Vizinhas, quando vemos algum janota seguir com uma frívola e minuciosa preocupação os decretos arbitrarios

da moda, se queremos ser benevolos, chamamos-lhe apenas... pedante.

De resto, o nosso guarda-roupa é em geral muito mais simples, que o de qualquer senhora, embora modesta e desprezenciosa.

Esta invejavel liberdade de que, em regra, gozamos, vem essencialmente de que entre nós a preocupação com a *moda* é secundaria; e desconfiem, ingenuas Vizinhas, do homem que se lhe escravisa cegamente, porque, com raras excepções, é um frivolo que não acha coisas mais serias com que se preocupe.

Para V. Ex.^{as}, minhas Senhoras, a *toilette*, é em regra e tem de ser, uma preocupação dominante.

E não creiam que o digo com maldade ou com injustiça. Já o sabio e benevolo Fenélon, virtuoso arcebispo de Cambrai, affirmava que « as mulheres nascem com um violento desejo de agradar e que para ellas um penteado, uma fita, um anel do cabello mais alto ou mais baixo, a escolha de uma côr são assumptos da maior importancia. »

E a *moda* é, entre as mulheres, uma soberana docilmente servida, que pode decretar o que entender de mais absurdo, de mais attentatorio á esthetica, á saude, ao bom senso, com a certeza de ser obedecida.

Podem os hygienistas censurar com a maior severidade os vestidos de baile e os decotes, a moda ri-se das prescripções severas da hygiene!

« Toda a gente sabe, diz o Dr. Weill-Manton, como é origem de resfriamentos, de anginas, de bronchites e de pneumonias, o costume tão caro ás Senhoras de descobrirem, nas suas sumptuosas *toilettes*, a parte superior do peito. Contra esta moda deploravel não puderam prevalecer nunca os conselhos mais aucterisados da hygiene. »

O que são os vestidos de cauda senão vehiculos, portadores das poeiras das ruas para o interior das casas, e portanto instrumentos de contagio das peores e mais graves doenças? E no entanto, quando a *moda*, na sua phantasia desregrada e caprichosa, se lembra de ordenar a cauda nos vestidos, ahí as temos, Vizinhas, arrastando com a sua graça esbelta e delicada, os sinistros

mensageiros da morte, do pavimento das ruas, para o interior querido dos seus lares!

Quantos annos levará ainda a hygiene a fazer detestar esses horriveis tacões altos que deformam o pé, e esses espartilhos que desfiguram a cinta, que perturbam o funcionamento dos órgãos abdominaes, que oprimem a respiração?

Vejam, Vizinhas, que tão cara lhes é a *moda*, tanto lhe querem e obedecem que lhe sacrificam esse supremo bem: a *saude*



Um par... da "moda,,"

e a *belleza natural* e livre do seu corpo, porque, que me conste, nunca a Aphrodite de Milo usou espartilho ou tacões altos.

E se os usasse, Vizinhas, não seria a essa bella estatua de Phidias que iriamos ainda hoje procurar o supremo ideal da belleza feminina, porque as nossas gerações perturbadas e febris, como nota agudamente Reinach, vêm n'ella a mais alta expressão da qualidade que mais nos falta: « a *serenidade* e que não é a indifferença apathica, mas a *saude do corpo* e a *da alma* ». »

E se a moda lhes sacrifica muitas vezes a saude, quanto tempo e quanto dinheiro as

não obriga a dispender... inutilmente, Vizinhas!!

Cada estação traz uma novidade, exige um vestuário de um talhe diverso; os vestidos de um anno já são antiquados no anno seguinte e como *se repara*, como *as outras* podem *criticar*, o seu amor proprio, Vizinhas, o seu bem-estar, o seu horror á troça exigem que corram atraz da *moda*, n'essa eterna corrida sem descanso, como a do Judeu Errante.

Querer comparar, como faz a Vizinha Anavel, a marcha gradual e morosa da moda



A MODA :

As elegantes... da moda. Um dandy...

masculina a essas variações rapidas, bruscas, caprichosas, desconcertantes da moda feminina, é querer assemelhar o passo lento do boi á carreira vertiginosa do automovel...

A's saias largas, amplas como tunicas, succedem-se as saias estreitas, cingidas ao corpo, a desenhar-lhe as formas, a embarçar-lhe os movimentos, para logo, em pouco tempo, se dar uma mudança inversa. As mangas ora incham em pleonasmos de fazenda, ora se acanham e retrahem, deixando ás vezes um pouco do braço nú. As golas ora sobem pelo pescoço, comprimindo-o e tornando-o hirto e rígido como o de um couraceiro inglez, ora descem e se somem e desaparecem, ficando então o pescoço ao desamparo.

Os chapéus ora se elevam a altitudes de montanhas, ora se espraíam como charnecas; ora incham como balões, ora achatam como discos; ora são floridos como jardins, ora sombrios como florestas; ora altivos como os condores, ora simples como as andorinhas; ora se erguem, com um ar de desafio, como penachos medievaes, ora se acanham e assumem o ar modesto de uma fôrma de *puding*, de uma simples ceira de figos, de um humilde tacho de cosinha...

E fora d'isto as mudanças: dos agasalhos, das capas, dos casacos, dos guarda-pós, das pelles, das guarnições, das saquinhas, das pulseiras, dos cordões, dos berloques...

Ah, Vizinhas, é de tremer, é de arripiar, porque além de complicado, tudo é horrivelmente caro!!!

E então, mesmo que a *moda* seja immensamente ridicula, nada lhe resiste, nada a intimida, nada a faz mudar senão o seu capricho: nem a troça, nem a criti-

ca, nem as campanhas dos jornaes, nem a caricatura, nem a assuada.

O *Matin* sustentou, em França, uma campanha violenta contra os chapéus descommunaes que a *moda* lançou.

Perseguiu-os, troçou-os, ora com um ar severo de censura, ora com um gesto escarminho de gaiato... Pois os chapéus resistiram e ahi continuam sendo a nossa tortura, impavidos e insensíveis.

As primeiras senhoras que usaram as saias *travadinhas* soffreram a troça que merecia essa moda, estúpida, ridicula, antinatural... E as saias *travadinhas* ficaram...

Na Puerta del Sol, ha dias, appareceu a primeira dama com a saia calção e foi corrida... Pois a saia calção ha-de resistir, precisamente porque é absurda. E ainda

hei-de rir consolado, perdoem-me Vizinhas, quando as vir a V. Ex.^{as} a desafiar a troça, o escandalo, o riso, com as impagaveis saias-calções...

Eu não posso pretender que a burguezinha do nosso paiz vista um traje regional, porque infelizmente só o conservamos para a mulher do povo que já o começa a engeitar.

Nas outras classes mergulhamos na insipidez do *cosmopolitismo* e o nosso traje é incaracteristico.

Mas, apesar de tudo, é sempre possivel á mulher, mesmo burgueza, imprimir á sua *toilette* um caracter *pessoal* que traduza o seu temperamento, o seu gosto artistico, a sua delicadeza de sentir.

Copiar cegamente um figurino, é, na phrase de Eça de Queiroz, fazer como os mercieiros, que têm a *opinião da sua gazeta*.

Era esse *pessoalismo*, esse *ser ella propria*, no seu traje, que eu queria vêr na mulher do meu paiz já que não posso pretender que ella tenha um traje puramente regional.

O nosso vestuario, o dos homens, é de certo tambem muito pouco pessoal, muito pouco regionalista, o que é lamentavel. Apesar de que nós conservamos teimosamente o *varino* que é bem portuguez. Os nossos caval-

leiros envergam, muitas vezes, o bello traje do Ribatejo e ainda existe entre nós o chapéu que tem o nome gloriosamente portuguez de Marialva.

Em quanto que no traje feminino das nossas burguezas, em vão se procura o mais leve traço regionalista.

De resto, Vizinhas, o nosso mau gosto tem desculpa, porque o fato que usamos, soffriavelmente feio e incaracteristico, não é como a da mulher principalmente *um ornato*.

E sempre, de todos os tempos, foi a *mulher* que procurou de preferencia, e encontrou a graça e a *delicada elegancia* no vestuario, com que faz realçar a belleza do seu corpo.

Bem sei que a *libertação da moda* ha-de ser tão difficil, como foi a emancipação dos escravos.

Mas, Vizinhas, tomem o conselho do virtuoso e indulgente arcebispo de Cambrai: «satisfaçam a *moda* como se ella representasse uma servidão impertinente, não lhe dêem senão o que lhe não possam recusar».

Nas proximas cartas acabará de responder-lhes o seu Vizinho sempre,

e contra a vontade,

Importuno.

O DIVORCIO

Carta aberta ás noivas futuras

ESTÁ emfim, minhas senhoras, decretado o divorcio em Portugal.

Talvez que a lei lhes passasse despercebida na leitura rapida dos jornaes, ou se V. Ex.^{as} repararam n'ella, não tiveram decerto paciencia para affrontar com aquella massa compacta de uns setenta artigos e não sei quantos paragraphos.

E no entanto, minhas senhoras, aquella lei interessa-lhes grandemente, attinge-as no mais poetico das suas aspirações, e modifica-lhes porventura os direitos anteriores de alguns projectos de vida futura.

O casamento até aqui era para V. Ex.^{as} (e eu digo: para V. Ex.^{as}, porque não quero emittir aqui a minha opinião) uma especie de carta de alforria, uma especie de vida nova e linda, que lhes permittia emanciparem-se dos direitos paternaes, virem a ter a sua casa limpa e aceiada, e poderem imitar em tudo os gestos e attitudes da mamã.

A mamã de V. Ex.^{as} vive a seu lado, risosinha e alegre, ordenando os serviços da casa, mandando livremente buscar umas botas ao sapateiro e arroz á mercearia, ralhando um tudo-nada com a creada quando ella é estouvada ou quando perde mais tempo do que o necessario para ir ás compras á praça, desempenhando emfim as funcções que a gente chama de dona de casa.

De vez em quando, da-lhes um beijo, aper-

ta-lhes um colchete esquecido, falla-lhes sempre com uma voz tão doce e tão meiga que traduz ou parece traduzir a sua felicidade, nunca se aborrece, porque sai quando quer e porque tem sempre para a distrahir as miúdas e complicadas occupaões do casal.

E V. Ex.^{as} ?

—«Oh que differença! nós aborrecemos dois a dez segundos por minuto, não podemos sahir sem ir acompanhadas do papá ou da mamã, e, quando sahimos com a mamã, é só para ir comprar umas rendas ou umas fitas. E com o papá nunca sahimos, por elle diz que não gosta de acompanhar com senhoras.»

Têm V. Ex.^{as} muita razão. Em vista do que, desejam ter uma vida semelhante á da mamã, ter um marido com quem se possam zangar um bocadinho—quando fôr preciso, é claro—e ter uma casa para passar o tempo.

Coisa bem facil, não ha duvida, mas que em todo o caso leva sempre seu tempo a realisar. E V. Ex.^{as} que o digam.

Em primeiro logar, é preciso arranjar o marido, ou melhor, é preciso saber quem é que ha-de desempenhar tal cargo.

Fizeram V. Ex.^{as} os seus calculos, tão intimos e tão conspiradores que só as amigas de V. Ex.^{as} os conhecem e... se encarregam de divulgar.

Feito isto, começa a phase mais interessante da empreza, e tambem a mais arriscada. Oh! V. Ex.^{as} são tão gentis, tão cheias de graças e de attractivos, que eu não duvido mesmo um pequenino instante do bom exito da empreza.

Agora falta só apenas um, dois, tres annos, até que V. Ex.^{as} attingam uma idade razoavel, ou mesmo que o *futuro* surja uma bella manhã de primavera, quando as arvores começam a florescer e os gommos a abrir com os primeiros planos de um bigode varonil.

Chegado a este ponto, e em antes da lei do divorcio, as manas de V. Ex.^{as} casavam-se como fazia toda a gente e iniciavam então a tal vida nova por que V. Ex.^{as} ancejiam.

Iam pisar pela primeira vez um jardim tapetado de flores, de côres variegadas e seductoras, em que a imaginação phantasia-

va os mais pittorescos desenhos e bordava dos mais exquisitos contornos.

Mas ás vezes, oh! quantas! as petalas d'essas flores calcadas mesmo por sapatinhos de setim, enrugavam, murchavam, e pouco depois deixavam no lindo tapete umas manchas de côr amarellada e triste, a contrastar com as côres vivas que por aqui e allí ainda rebrilham.

Passava então a epoca dos sonhos innocentes, e entrava-se pouco a pouco nas *realidades* da vida.

As mamãs de V. Ex.^{as} não tinham talvez pensado n'esta pequenina mudança de scenario.

Mas que importa? Enchiam-se de coragem, de boa vontade, de resignação mesmo, se tanto fosse preciso, e preparavam-se para assistir a todo este espectaculo de familia, esperanças em que ainda subiria o panno para deixar vêr lá ao longe um *acto* mais delicioso e reconfortante.

Viviam na esperanza mutua. Esperavam ellas e esperavam os maridos.

E V. Ex.^{as} conhecem o proverbio que avigora esta esperanza.

Annos passavam: ventos favoraveis limpavam os cirros do horisonte; o ceu reaparecia de novo com um azul limpido e crystallino; e a terra continuava a girar em volta do seu eixo.

As mamãs de V. Ex.^{as} tinham-se casado com esta ideia de serem felizes, e conjugavam todos os esforços para obterem essa felicidade que lhes havia de durar a vida inteira!

A vida inteira!

Era com esta condição que se havia celebrado o casamento, a que o marido não podia fugir.

E a felicidade, minhas senhoras, a felicidade, digam o que disserem os descrentes, não é um producto do acaso. Ella é preparada e acalentada de um modo especial por aquelles que a desejam. Ella é um fructo das suas esperanças, uma resultante de muitos esforços.

Só não é feliz quem não quer, penso eu, embora á custa de tempo, de sacrificios, e de compensações.

E tempo não faltava; o casamento indissolúvel, havia de durar até á morte. Até á

morte era licito, pois, esperar essa felicidade.

Veio, porém, o divórcio.

V. Ex.^{as} sabem muito bem que o divórcio dá ao conjugue offendido, mesmo por uma coisa a que a lei chama *injúria*, o direito de se separar do outro conjugue, de considerar como não realizado o casamento, e de celebrar por conseguinte uma nova união.

Quando V. Ex.^{as} se casarem, deverão pensar bem n'este dispositivo da nova lei, no qual não tinham que pensar as amigas já casadas de V. Ex.^{as}.

Depois de tudo preparado para a cerimonia, V. Ex.^{as} devem agora perguntar a si mesmas, se por acaso o marido que escolheram não irá buscar mais tarde a essa lei o pretexto fútil que leva á separação triste dos sonhos que agora projectam.

E' preciso ver se *elle*, hoje tão promettedor e tão repleto de amabilidades, não será capaz, ainda um dia, de as embrulhar

em elasticos artigos da lei, para melhor se *desembrulhar* a elle proprio.

E se isto acontecesse... quantas illusões, quantas tristezas surdas, quantas iras mal represadas que V. Ex.^{as} supportariam!

O que não tem remedio — remediado está, dizia o rifão velho e paciente.

Hoje, porém, mercê da lei do divórcio, ha já um remedio para evitar a perspectiva massuda do casamento indissolúvel.

O que é pena é que o remedio seja talvez violento e traiçoeiro, muito semelhante ás injeccões de morphina que, applicadas ao paciente, lhe dão o allivio que ha-de concorrer para a sua morte.

Assim é o divórcio. Allivia um... mas fere o outro, se é que os não fere a ambos, roubando-lhes aquillo que tambem pode fazer a felicidade do lar: a esperanza no futuro e a resignação no presente.

JOÃO SEVERO.

QUADRAS DO NOSSO POVO

*De cada vez que te vejo
Tenho de me ir confessar;
Eu não pecco por te vêr;
Pecco por te desejar.*

*

*Sabia tanta cantiga,
Todas o vento levou;
Só a do meu amorsinho
No coração me ficou.*

*

*Pergunta bem perguntado
Se te quero bem ou não,
Às telhas do teu telhado,
Às pedras do teu balcão.*

*

*Já te amei, já te não amo,
Já te perdi a afeição;
Já te arrumei para um canto,
Fôra do meu coração.*

*

*Altas torres tem teu peito,
Nas mais altas já me en ví;
Não se me dá que outrem suba
Escadas que eu já deseí.*

Alberto d'Oliveira

Publicamos hoje um inédito d'este delicado poeta, que é uma das mais elevadas e finas organisações de artista do nosso paiz.

Agradecemos a sua collaboração, que é muito honrosa para nós, e a maneira extremamente gentil como correspondeu ao pedido que d'ella lhe fizemos.

Caricaturas

Publicamos hoje tres inoffensivas *charges* sobre a *moda*, de um caricaturista novo, mas muitissimo talentoso, Norberto Correia, que veio documentar, com a graça e fino humor do seu lapis de artista, a «Carta á minha Vizinha». Muito nos honraremos sempre que Norberto Correia quizer deixar em a nossa *Revista* essa nota de *ironia* e de *verdade mordente*, que são as suas bellas caricaturas.